



3º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



Instituição: SENAC Comunidade

Categoria: Escolas de Educação Profissional

Trabalho – Sobrepujando estigmas: a experiência do SENAC Comunidade em curso de aprendizagem para alunos com deficiência psicossocial

1 OBJETIVO Inserir pessoas com deficiência psicossocial no mercado de trabalho através dos Programas Jovem Aprendiz e Deficiência e Competência. Conforme a Resolução INSS/PRES Nº 118 de 04.11.2010, artigo 1º, inciso VI, as pessoas com deficiência são clientela a ser encaminhada à Reabilitação Profissional.

2 HISTÓRICO DA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA Desde 1946 a Aprendizagem Comercial é uma das principais atividades do SENAC. O verbete Aprendizagem, neste caso, refere-se ao Programa de Aprendizagem, formação técnico-profissional ofertada aos jovens entre 14 e 24 anos (salvo em casos de pessoas com deficiência, onde não há limite de idade), estabelecida pela Lei nº. 10.097/2000 e regulamentada pelo Decreto nº. 5.598/2005. Fundado em 15 de maio de 1995 e localizado em Porto Alegre - RS, o SENAC Comunidade se destaca como uma das duas escolas SENAC do Rio Grande do Sul que atende exclusivamente estudantes do Programa SENAC de Gratuidade (PSG). A unidade tem como objetivo capacitar gratuitamente pessoas de baixa renda, em cursos voltados para as áreas de comércio de bens, serviços e turismo. O portfólio de cursos do SENAC Comunidade para a formação do jovem aprendiz inclui Aprendizagem em Comércio, Aprendizagem em Serviços Administrativos, Aprendizagem em Serviços de Supermercado e Aprendizagem em Auxiliar em Desinfecção e Limpeza Hospitalar. Com larga experiência na formação de jovens para o trabalho, faltava, ainda, colaborar para a qualificação profissional de pessoas com deficiência psicossocial. Assim, imbuído no propósito de incluir tais pessoas na vida social e laboral, o SENAC Comunidade articulou sua primeira turma de aprendizes com deficiência psicossocial em 2009. A demanda surgiu através do Núcleo de Integração do Trabalho (NIT), órgão da Superintendência Regional do Trabalho (SRTE/RS), que encaminhou solicitação de turma de aprendizes com transtorno 2 mental para o Núcleo de Educação Profissional (NEP) do SENAC-RS. Este último formalizou convite ao SENAC Comunidade, que aceitou prontamente a proposta. O NEP estruturou um projeto de desenvolvimento das etapas de articulação da demanda e o SENAC Comunidade criou a metodologia e definiu a equipe de trabalho. Em harmonia com o seu Projeto Político Pedagógico, o SENAC-RS “assume, de forma intencional, os desafios de educar e aprender para o trabalho, mas acima de tudo para a vida plena”. (2009, p. 23). Entretanto, orientar um grupo de alunos com esquizofrenia e transtornos de humor era, ainda, algo inédito para os profissionais do SENAC Comunidade. Para fazer valer a frase “a educação que sonhamos na escola que queremos”, (SENAC-RS, 2009, p. 24) o desafio foi aceito. O primeiro passo dado foi buscar entender o universo de quem tem um sofrimento psíquico. Fazer isso envolve mais do que pesquisar sobre doença mental, significa redefinir concepções e desmistificar representações sobre



3º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



o “louco” e o “normal”. Quais são as principais narrativas sobre o doente mental? Para exemplificar, um estudo feito por Miriam Alves e Marcio Malavolta com moradores da Vila São Pedro, que fica no entorno do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, aponta que, para os moradores, é sempre “o louco que pega, o louco que briga, o louco que agride, o louco que machuca, o louco que faz maldade”. (2002, p. 173). Colocar por terra este estigma não é tarefa fácil, é preciso que haja políticas públicas de inclusão efetivas. Estigma é uma palavra que significa uma marca negativa colocada sobre a pessoa. Vivemos hoje uma situação em que as pessoas com transtornos mentais, em particular a esquizofrenia, mobilizam-se para ter seus direitos reconhecidos. Infelizmente, essa é uma situação que não se resolve unicamente com leis contra a discriminação. Trata-se de uma questão mais profunda, que tem raízes na história e na maneira como as pessoas aprendem seus valores na vida em sociedade. O estigma em relação aos transtornos mentais tem grande impacto na vida dos portadores. (ASSIS; VILLARES; BRESSAN, 2009, p. 4).

Segundo Sandra Fagundes (2006, p. 55) “a proposta foi a desinstitucionalização, não apenas dos doentes, mas dos modos de pensar, de criar, de expressar, de produzir, de agir, de amar e de lutar”. A mesma autora afirma que “o contexto da prevenção em saúde mental é o da mudança de paradigmas [...] com maior inclusividade e menor sofrimento pela exploração e opressão econômica”. (2006, p. 56). Atuando na “mudança de paradigmas”, três princípios das escolas do SENAC-RS promovem a desconstrução de estereótipos e estigmas, são eles: Visão holística ao conceber o estudante em sua totalidade, considerando, entre outros, os aspectos sociais, cognitivos, afetivos e psicomotores. Posicionamento crítico frente à realidade, visando à inclusão social a partir da construção de uma cultura de cooperação, fomentando, no cotidiano da escola, a solidariedade com os excluídos [...]. Ensino que respeite 3 as diferenças e valorize as individualidades, voltado para a construção de aprendizagens de âmbito cognitivo, psicológico e social [...]. (SENAC-RS, 2009, p. 26). Vivenciando o espírito de tais princípios, no dia 07 de outubro de 2009, primeiro dia de aula, a equipe pedagógica do SENAC Comunidade começou a percorrer um caminho cheio de surpresas, superação e aprendizado. A turma, composta por onze alunos na faixa etária entre 22 e 37 anos, também é frequentadora dos projetos Vivendo e Reaprendendo e Geração POA. Após o módulo teórico do curso Aprendizagem em Serviços de Supermercado, realizaram o módulo prático em lojas da Companhia Zaffari. Os alunos superaram os próprios limites, pois se achavam incapazes de concluir o curso devido a longa duração do mesmo. Nove aprendizes concluíram o período do contrato e a todos foi dada a oportunidade de efetivação na empresa.

3 IMPACTO NA VIDA DOS REABILITADOS E INDICADORES UTILIZADOS A melhor forma de avaliar o impacto do curso na vida dos reabilitados é dando espaço aos excertos das auto avaliações dos estudantes, conforme segue abaixo: Estou gostando muito do meu trabalho. Me sinto muito bem trabalhando no pacote, cada dia eu aprendo a trabalhar melhor, vou me aprimorando mais. Estou conseguindo desempenhar minhas atividades muito bem. Estou gostando muito do trabalho. Estou muito feliz e me adaptando nas atividades e na rotina da empresa. Eu aprendi muita coisa no SENAC, saí um profissional do supermercado. Estou muito feliz e realizado profissionalmente. Para verificar o impacto de forma quantitativa foram estabelecidos dois indicadores: de qualidade, com foco na medida de satisfação dos clientes; e de efetividade, com foco nos resultados obtidos.



3º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



Para o indicador de qualidade foi estabelecido um formulário de satisfação em relação ao docente e aos materiais didáticos utilizados a ser preenchido pelo aluno. A cada troca de docente a pesquisa era aplicada. O percentual de satisfação docente ficou em 100% e em relação ao material didático o percentual foi de 96%. Para o indicador de efetividade foi utilizado como instrumento a Ficha de Avaliação das Competências Desenvolvidas na Empresa. Nela os indicadores de competências são divididos em três áreas: saber, saber fazer e saber ser. Para cada item deve ser atribuída uma das menções, conforme segue: A (apropriou a competência), NA (não apropriou a competência) e NV (não verificada a competência/não avaliada). O instrumento é preenchido por profissional do Setor Pedagógico durante visita à empresa na presença dos 4 jovens aprendizes e do seu supervisor. Na primeira turma o índice de menções “A” foi de 91%. A formatura, realizada em 04 de novembro de 2010, foi o momento de coroar a vitória de um grupo perseverante e corajoso. Características que contagiaram os professores da turma. É notório que, mesmo iniciantes nas questões que permeiam o sofrimento psíquico, os orientadores envolvidos com o grupo fizeram um trabalho bastante semelhante ao realizado pelo acompanhante terapêutico.

Esse termo é praticamente desconhecido entre os profissionais da Educação que não tem ligação direta com o campo da saúde mental. Atualmente, uma das definições mais apropriadas é a de Palombini, que cita um acompanhamento no espaço do cotidiano, onde há significado para o sujeito: Podemos definir Acompanhamento Terapêutico como uma clínica sem muros que se realiza no espaço aberto do urbano, acompanhando cotidianos de vida de forma a favorecer o estabelecimento de laços entre o sujeito acompanhado e o território por ele habitado. O acompanhamento terapêutico busca alargar os modos de habitar a cidade, para que nela a diferença possa ter lugar. (2008, p.13) O curso se tornou um espaço fora da clínica, onde os alunos não eram pacientes. Passaram a fazer parte de um grupo, que não era o dos esquizofrênicos, mas sim dos “jovens aprendizes”.

O que comprova isso são suas próprias narrativas, conforme transcrito abaixo: Espero muito que com este curso eu consiga ter um salário e que seja uma porta para futuros empregos”. “Pretendo terminar o curso e começar a trabalhar logo”. “Estou muito animado e ansioso para trabalhar no Zaffari como empacotador. O que eu for receber eu irei ajudar minha família pagando as despesas de casa.” “Eu estou super feliz com o curso, os meus colegas de aula são maravilhosos, e os professores Rodrigo, José Eduardo, Ana Tidra e Cleonice são ótimos. Para mim a oportunidade de trabalhar no Zaffari com carteira assinada é uma benção de Deus”. “Gostei muito das aulas e de fazer este curso. E gosto muito de meus colegas e professores. Nunca faltei as aulas, nunca cheguei atrasado. Eu sou ótimo aluno e amigo de todos”. “Os professores do SENAC foram ótimos para mim”. “Espero com este curso me qualificar bem, me ajudando no Zaffari e no futuro na minha vida. As aulas no SENAC são ótimas e me fazem cada vez ficar mais instruído, eu e meus colegas que também estão indo muito bem.” “Gostei muito do curso e aprendi muita coisa interessante. E fiz muitas amizades.” “Na primeira aula de Informática que tivemos com o professor José eu disse a mim mesma: estou rodada! 5 Achei que não conseguiria passar e perderia o emprego no Zaffari. Mas o José foi um excelente professor, soube explicar com paciência e entendeu minhas dificuldades.” “Quando tivemos aula de matemática com o professor Rodrigo achei que seria uma péssima aluna, pois eu sempre fui péssima em matemática. Mas me saí super bem e pela primeira vez na vida fui uma excelente aluna de matemática!”.



3º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



O grupo demonstrou resiliência. Dois estudantes não concluíram o curso, talvez não fosse o seu objetivo no momento ou não estivessem prontos para o desafio, enfim, desistências não são raras em cursos de Aprendizagem. Mas nove alunos resistiram bravamente aos preconceitos do mundo do trabalho. Sua coragem foi estampada na reportagem de capa do Caderno de Empregos do Jornal Zero Hora, no dia 23 de maio de 2010. Sob o título “Persistência sem limites”, o artigo apresentou aos leitores a experiência do grupo. O relato deixou claro que capacitação profissional e oportunidade de trabalho são o que desejam. O SENAC Comunidade foi a ponte que colaborou na sua trajetória, e espera vê-la novamente para outras turmas.

4 RESULTADOS OBTIDOS, CONCLUSÃO E PERSPECTIVA DE CONTINUIDADE

O espaço das aulas foi o espaço “além muros”, o lugar onde estavam incluídos não pela doença, mas pelo objetivo em comum. A receita médica continua acompanhando-os, mas agora não está colada à sua identidade. Bem mais presentes nas narrativas dos alunos estão a carteira de trabalho e os direitos do trabalhador.

Uma das alunas do curso, ao elaborar o seu perfil, registrou o seguinte: “Me considero uma pessoa normal, porém não tão esperta para conseguir um trabalho. Gostaria de poder conseguir um trabalho onde eu me sinta bem neste ambiente. [...] De onde vem a representação de que não é “esperta para conseguir um trabalho”? Talvez dos discursos que legitimam mitos, como o de que esquizofrênicos não aprendem, não tem relações sociais e não podem trabalhar. As pesquisas na área de saúde mental desmascaram estes estigmas: Um dos aspectos fundamentais nas investigações sobre qualidade de vida é a satisfação com o trabalho. Pessoas envolvidas com algum tipo de atividade profissional têm se mostrado mais satisfeitas, o que é verdade para a população geral, para pacientes com esquizofrenia e outras formas de doenças mentais. A participação em uma atividade ocupacional é vista pelos pacientes como uma possibilidade de distração dos sintomas, contribuindo para um melhor estado mental. (CARDOSO, 2006, p. 1306)

É interessante destacar a auto avaliação feita por um dos alunos: “Eu sou um cara honesto, engraçado. Às vezes estou bem e às vezes estou meio mal.” Boa parte da população mundial poderia se descrever de tal maneira. Não faz sentido reduzir as pessoas ao seu diagnóstico. A subjetividade vem antes da doença, e não querem ser considerados como incapazes pela sociedade. Querem ser reconhecidos pelo que são, e isso inclui a palavra “trabalho”.

O SENAC não se exime do seu papel na educação profissional: O ganho – e também o desafio – é educar o trabalhador, no sentido de atuar de modo participativo e ativo dentro e fora do mundo do trabalho, como profissional e, também, na condição de cidadão consciente de seus direitos e responsabilidades e dos valores humanos que devem reger a vida em sociedade. (SENAC. DN, 2004, p. 15). O trabalho feito com estes jovens aprendizes não se reduz a sua satisfação em relação ao encaminhamento para a prática profissional. A família também foi envolvida no processo e cabe relatar suas percepções: “Além da felicidade que foi proporcionado para toda a família, foi notória a satisfação que meu filho sentia com sua participação no curso.” “Mesmo com diagnóstico de esquizofrenia, consegui com este curso achar uma nova realidade, uma luz para o caminho, que achávamos que estava perdido.” “O curso proporcionou o retorno do meu filho a tão esquecida atividade de aprendiz. Aumentou sua socialização com a família, com aumento de sua auto-estima.” “Hoje sou surpreendido com atitudes de meu filho que achava que ele não fosse capaz, vejo uma nova pessoa que apresenta sempre um fato novo.” “Só vejo pontos positivos, falo isso com total segurança, pois já convivi com ele sem nenhuma atividade, apenas com medicação. Sua vida era diferente, posso dizer até triste. A partir do curso melhorou significativamente. Posso dizer



3º Prêmio de Reabilitação e Readaptação Profissional



que ele voltou a normalidade, teve sua dignidade resgatada”. “É sempre satisfatório para o ego de uma pessoa concluir um curso, ainda mais sendo ministrado pelo SENAC.” “Meu filho se tornou mais confiante, sua autoestima cresceu muito. Percebo uma evolução evidente no seu dia a dia.” “Meu filho está mais motivado em relação à vida e ganhando certo senso de responsabilidade”. 7 “O preparo que ele está recebendo e a experiência concreta do primeiro emprego deverão abrir portas mais à frente.” “O principal ponto positivo é a oportunidade dada ao aluno de reverter um quadro desfavorável e ingressar no mercado de trabalho.” “Com relação aos aspectos positivos do curso, tenho a salientar a qualificação dos profissionais responsáveis pelos conhecimentos ministrados aos alunos, pois para tratar com pessoas portadoras de transtorno somente podem ser pessoas especiais.” O SENAC Comunidade deseja, sempre, sobrepujar estigmas. Nesse intuito a escola articulou sua segunda turma de aprendizes com deficiência psicossocial em abril de 2011. Atualmente estão realizando o módulo prático em lojas da Companhia Zaffari. Novamente a demanda se deu através de solicitação da SRTE-RS ao NEP/SENAC-RS. O projeto de desenvolvimento elaborado pelo NEP é apresentado em audiências e eventos, o que potencializa a demanda, esta sempre é avaliada pelo NEP para definição do atendimento. Espera-se que todos se sintam acolhidos no espaço de aprendizagem do SENAC Comunidade, o que inclui os que tem transtornos mentais. Este artigo conclui dando voz aos alunos e seus familiares: “Eu passei muito tempo da minha vida chorando em cima de uma cama e agora posso dizer que tanto o projeto quanto este curso me ressuscitaram.” (ALUNA) “Obrigada por toda a equipe pelo que proporcionaram aos nossos filhos, por se amarem mais, se respeitarem mais, acreditando que são capazes de voar mais alto.” (MÃE DE ALUNO) REFERÊNCIAS ALVES, Miriam; MALAVOLTA, Marcio. Desconstruindo o manicômio mental no cotidiano da comunidade da vila São Pedro. In: FERLA, Alcindo; FAGUNDES, Sandra (Org.). O fazer em saúde coletiva. Porto Alegre: Dacasa, 2002. p. 157-178. CARDOSO, Clareci (et al.). Qualidade de vida e dimensão ocupacional na esquizofrenia. In: Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro. v. 22 n.6, jun. 2006. p. 1303- 1314. FAGUNDES, Sandra Maria Sales. Águas da pedagogia da implicação: intercessões da educação para políticas públicas de saúde. 2006. (Dissertação) Mestrado em Educação-Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2006. 8 PALOMBINI, Analice de Lima. Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 143 p. SENAC. DN. Deficiência e competência: programa de inclusão de pessoas portadoras de deficiência nas ações educacionais do SENAC. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2002. 160 p. _____. Referenciais para a educação profissional do SENAC. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2004. 80p. SENAC-RS. Projeto político pedagógico. Porto Alegre: SENAC-RS, 2009. 63 p.